

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSM

CLASS. : 94

DATA : 29 11 91

PG. : 1-2

A Amazônia em tempos de cólera

José Sarney

A Amazônia tem um fascínio e sedução que, ao longo do tempo, despertou, no mundo inteiro, uma literatura e uma política entre o mito e a verdade, muitas vezes na fronteira do mágico. "A Voragem", de José Eustáquio Rivera levou-me, na juventude, a imaginar o que se chamava o inferno verde. Entre os muitos mitos sobre a Amazônia criaram-se os da riqueza, da pobreza, da destruição, pulmão do mundo e até a versão moderna do "selvagem feliz", de Rousseau.

Em nível mundial, a Amazônia sempre foi uma região cobiçada. No século passado, foi o tempo de tentar ocupá-la, devastá-la, colonizá-la. Organizaram-se empresas, o governo brasileiro sofreu pressões e sempre resistiu. O Itamaraty tem um longo arquivo sobre essa epopéia, na qual Rio Branco brilha com a visão de estadista que o eternizou. Nabuco fala sobre o "perigo amarelo", quando surgiu a tese de que a Amazônia devia absorver os excedentes de população da Ásia. Depois, o argumento de que o Brasil não podia, egoisticamente, desfrutar das riquezas da Amazônia, desconhecendo o mundo. Daí a idéia da internacionalização.

Muitos escreveram sobre isso. Arthur Cezar Ferreira dos Reis, grande intelectual e historiador da área, dissecou todos os ângulos do tema. E Coudreau, cientista que viveu muitos anos ali e depois converteu-se à causa brasileira depois da invasão do Amapá, disse em um dos seus estudos (pág. 432): "A Amazônia formará, provavelmente um dia, talvez próximo, um Estado independente, separado do Brasil". Agora, Mac Namara afirma que é necessária uma força internacional para policiar a Amazônia. E Mitterand não esconde: "Não vamos sair da Eco-92 de mãos vazias".

A questão ganha um novo ângulo. A utopia ecológica criou a imagem mundial de que os países amazônicos não têm capacidade de gerenciá-la e podem destruí-la. É preciso uma ação internacional, que hoje é pressão; amanhã será ação.

O novo mapa do poder mundial busca identificar os pontos cruciais do planeta, onde podem surgir perigos à paz e à vida. O Oriente Médio é um deles, a Amazônia outro, sem exclusão de mais alguns.

A criação de reservas na fronteira vem num momento que não ajuda o Brasil na estratégia mundial contra a Amazônia.

Acho suspeito o que ocorre no Suriname, que pode ser um novo Panamá invadido.

Queiramos ou não, a Amazônia está na mesa do debate mundial. Não devemos ter complexos. Os mitos sobre a Amazônia estão sendo tratados à base da racionalidade. Não podemos omitir nossa responsabilidade sobre a Amazônia, compartilhada com os países da Bacia. Fomos capazes de trazê-la até os dias de hoje, e o que ela representa no universo da criação. Ainda ali se pode ver o primeiro dia, as águas se separando da terra. O espírito de Deus boiando.

A Amazônia tem de ficar de pé. Nós somos os responsáveis pela sua preservação, pelo seu equilíbrio ecológico, pela conservação de sua biodiversidade, pelo seu desenvolvimento sustentável. A cooperação ao mundial deve vir para mantê-la no futuro, em recursos materiais e humanos, ciência e tecnologia, mas jamais dividir o que ninguém divide: soberania.

E tudo isso acontece quando o vibrião invade os rios, navega com a miséria dos pobres viajantes dessas águas, criando um novo problema: a Amazônia em tempos de cólera.

José Sarney escreve às sextas-feiras nesta coluna.